



## O PROFESSOR LIBERTADOR E SUA FORMAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DOS ESTUDOS DE PAULO FREIRE

Ivone Garcia Barbosa<sup>1</sup> (UFG)  
Larysse Soares de Jesus Batista<sup>2</sup> (UFG)

### GT3 – Formação de Professores

#### Resumo

Este artigo foi desenvolvido para dialogar sobre a formação docente a partir dos estudos de Paulo Freire, buscando a compreensão do que venha a ser esse professor libertador. Tem como tema “O professor libertador e sua formação: reflexões a partir dos estudos de Paulo Freire”. E por problema: Qual a importância do papel social do professor emancipador na sociedade capitalista? Para isto problematizamos: Quais os princípios que fundamentam a formação do professor libertador? Justificamos que este estudo contribuirá para a construção da formação docente alicerçado por estudos Freireanos. Para respondermos estas questões, utilizaremos o método dialético e como metodologia a pesquisa bibliográfica. Dessa forma, nosso objetivo consistiu em compreender a importância do papel social do professor libertador na sociedade capitalista. E especificamente, analisar e compreender quais os aspectos que diferenciam as concepções de professor emancipador e do professor tradicional, bem como compreender os princípios que fundamentam a formação do professor libertador. Nosso estudo pode verificar que no contexto da sociedade capitalista, fundada no princípio da contradição e das lutas de classes, há opressores e oprimidos. E o professor enquanto sujeito, pode ser emancipado e em sua função pode contribuir com a emancipação social. E o que diferencia o professor emancipador do professor tradicional diz respeito à concepção de educação que estão comprometidos. O professor libertador defende uma concepção de formação que se volta aos processos de humanização e conscientização, construída através do diálogo. E para que professores libertadores sejam formados é preciso uma formação ampla, teoricamente sólida, ser conscientizado de sua realidade, ter formação ética, para pensar criticamente a sua prática docente, aprendendo enquanto ensina da mesma forma que o educando ensina enquanto aprende. Nossos estudos se pautarão em autores como Marx (1983) e Freire (1987, 1996, 1999, 2000) dentre outros para subsidiar a discussão da educação e da formação.

**Palavras-chave:** Formação docente. Paulo Freire. Concepções de professor. Professor Libertador.

#### Introdução

<sup>1</sup> **Ivone BARBOSA, Profa. Dra. em Educação.** Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Educação - Nepiec, E-mail: ivonegbarbosa@hotmail.com

<sup>2</sup> **Larysse BATISTA, Profa. Mestranda em Educação** Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Educação - Nepiec, E-mail: larysse\_soares@live.com



Em Recife, no dia 19 de setembro de 1921 nasce Paulo Reglus Neves Freire, mais conhecido como Paulo Freire, esse pensador traz uma riqueza no legado indiscutível no âmbito da educação. Em várias das biografias que fazem de Paulo Freire ficamos emocionados ao lê-las, pois se trata de um pensador que lutou pela educação, pela emancipação, pelo diálogo, pela reflexão crítica, pela libertação, por inúmeros assuntos ligados a educação e deixou suas obras para inspirarem as pessoas a lutarem por essa educação humanizadora.

A trajetória de Freire é narrada por Fiori (1967) que nos apresenta “um pensador comprometido com a vida: que não pensa ideias, mais que pensa a existência e também como um educador pela “[...] existência de seu pensamento numa pedagogia em que o esforço totalizador da ‘*práxis*’ humana busca, na interioridade desta, retotalizar-se como ‘prática da liberdade’[...]” (FIORI, 1967, p. 9). Buscando assim a luta contra a sociedade capitalista.

Os estudos de Paulo Freire se fazem presente nesse artigo na busca de se compreender qual a importância do papel social do professor emancipador na sociedade capitalista. Para essa discussão nos pautaremos principalmente em **Pedagogia da autonomia** (1996), **Pedagogia do oprimido** (1987), **Educação como prática da liberdade** (1967).

Dessa forma, este artigo tem como tema a concepção de professor em Paulo Freire. Tendo como principal questão: Qual a importância do papel social do professor emancipador na sociedade capitalista? Para isto problematizamos: Quais os princípios que fundamentam a formação do professor libertador?

Dessa forma, nosso objetivo consistiu em compreender a importância do papel social do professor libertador na sociedade capitalista. E especificamente, analisar e compreender quais os aspectos que diferenciam as concepções de professor emancipador e do professor tradicional, bem como compreender os princípios que fundamentam a formação do professor libertador.

Para respondermos estas questões, utilizaremos o método dialético e como metodologia a pesquisa bibliográfica. De acordo com as autoras Lima e Míoto (2007), realizar uma pesquisa como a que está proposta, buscando entender a “realidade social dinâmica, contraditória, histórica e



ontológica implica na utilização de procedimentos metodológicos que consigam engendrar todos esses pressupostos com a mesma intensidade como se apresentam quando estão em relação” (LIMA e MIOTO, 2007, p.40). Buscando essa compreensão de pesquisa através desse método e dessa metodologia.

A escolha por se trabalhar com o método dialético pauta no exposto apresentado por Lima e Mioto, pois esse método leva “[...] o pesquisador a trabalhar sempre considerando a contradição e o conflito; o ‘devir’; o movimento histórico; a totalidade e a unidade dos contrários; além de apreender, em todo o percurso de pesquisa, as dimensões filosófica, material/concreta e política que envolvem seu objeto de estudo” (LIMA e MIOTO, 2007, p.29).

De acordo com Lima e Mioto (2007) “a pesquisa bibliográfica significa realizar um movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico, e que exige vigilância epistemológica” (LIMA e MIOTO, 2007, p.37). A pesquisa bibliográfica se diferencia na revisão de literatura, como apresenta as autoras Lima e Mioto, “[...] a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo [...]” (LIMA e MIOTO, 2007, p.38).

Por meio do método dialético e da pesquisa bibliográfica buscaremos o diálogo e o pensamento crítico das obras de Paulo Freire e de outros autores do âmbito da formação humana e da profissionalização para que possamos buscar nesse artigo a reflexão crítica sobre a concepção de professor em Freire e a busca pelo professor libertador em uma formação humanizadora.

O presente artigo se apresentará dividido em duas categorias que dialogarão entre si na busca da reflexão crítica sobre a importância do papel social do professor emancipador na sociedade que nos cercam na atualidade. Na primeira categoria buscaremos discutir sobre as concepções de educação, apresentaremos elementos para compreensão da educação bancária e libertadora. Na segunda e última categoria buscaremos a reflexão sobre a formação do professor libertador.

### **Concepções de educação: bancária e libertadora**

A busca pelas concepções de educação faz-se necessária para a compreensão das concepções de educação que são abordadas por Paulo Freire, dentre elas temos a educação bancária e a educação

VI SEMANA DE  
**INTEGRAÇÃO**  
DE 07 A 10 DE JUNHO

UNIVERSIDADE,  
FORMAÇÃO E CIDADANIA

XV SEMANA DE  
LETRAS

XVII SEMANA DE  
PEDAGOGIA

III SIMPÓSIO DE  
PESQUISA E EXTENSÃO

Câmpus  
Inhumas

Universidade  
Estadual de Goiás

FAPEG  
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA  
DO ESTADO DE GOIÁS

libertadora.



A sociedade capitalista teve sua origem na Idade Média, quando as antigas corporações feudais se desintegraram e, com isso, os mestres e aprendizes instalaram empresas de propriedade individual, com operários assalariados que fabricavam manufaturados em série. (MARX, 1983)

Marx (1983) fez um questionamento a fundo dessa sociedade a partir dos seus próprios princípios. Marx mostrou como a suposta igualdade era ilusória no Capitalismo, uma vez que todo homem, ao nascer, encontrava uma sociedade dividida em dois blocos desiguais: de um lado, o bloco dos proprietários dos meios de produção (empresas, terras, máquinas), e do outro lado, os proletários que, pelo fato de não serem proprietários destes, se viam obrigados a vender a sua força de trabalho aos donos das empresas, e desta forma ganhar o necessário para subsistir.

Para Marx 1983, o capitalista se enriquece apropriando-se, sem qualquer tipo de retribuição, de uma parte do produto do trabalho realizado pelo operário. Marx mostrou, também, que a liberdade individual no Capitalismo estava condicionada pela divisão da sociedade em classes: de um lado, os proprietários dos meios de produção e, do outro lado, os trabalhadores.

A sociedade capitalista é marcada pelo princípio do lucro, baseada na lei da oferta e da procura, no individualismo, as disputas entre si pelas contradições, como mostrada por Marx (1983), ao falar sobre a igualdade que se era pregada, pois a sociedade se encontrava dividida em classes, na separação entre burguesia e proletariado, na luta de classes, na contradição, na desumanização pela exploração do trabalho.

Mediante a exposição sobre a sociedade capitalista cabe a nós fazer uma conceituação sobre a ontologia do trabalho, pois para melhor compreensão desse sistema de sociedade faz-se necessário a exposição e compreensão do modo de trabalho e como devemos considerar esse trabalho, nesse sentido buscamos a dimensão ontológica.

Sendo assim o trabalho em sua dimensão ontológica é condição de toda a vida em sociedade, constitui-se como a principal atividade humana – criadora e produtiva – associado a outras esferas de sua vida, permeando todo o ser, tanto do ponto de vista socioeconômico, quanto cultural, artístico, linguístico e simbólico. O trabalho constitui a base da existência do homem,

[...] um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil à própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1983, p. 149).



De acordo com Fischer (2016), o trabalho além dessa dimensão ontológica como apresentada por Marx, para Freire o trabalho é apresentado como condição do processo de humanização do ser, ele também é “[...] histórica, no reconhecimento que o autor faz das diferentes manifestações nas sociedades humanas ao longo do tempo” (FISCHER apud REDIN e ZITKOSKI, 2016, p. 401).

O conceito de trabalho, como o conhecemos hoje, vincula-se ao surgimento do capitalismo industrial. A revolução capitalista transformou o trabalho concreto social em trabalho abstrato “assalariado”, isto é, de atividade produtora imediata, que cria e recria a natureza, a si mesmo e ao outro, transformando-o em mercadoria, força de trabalho, cujo objetivo é a produção de mais-valia e a acumulação (FRIGOTTO, 1984).

A respeito do trabalho para Paulo Freire, baseados em estudos realizados por Fischer (2016) esse se encontra tanto no ponto de vista ontológico e histórico, nesse sentido,

O trabalho, do ponto de vista ontológico, é entendido na sua acepção mais ampla enquanto práxis humana material e não material, não se reduzindo à produção de mercadorias é, portanto, produção cultural, constitutiva do ser humano. Na forma histórica que assume no modo de produção capitalista torna-se opressor porque é trabalho explorado e alienado, produtor de mais-valia. A assunção dessa perspectiva terá consequências importantes para a visão de mundo orientadora de sua obra. A análise crítica marxista do modo de produção capitalista remeterá à incorporação progressiva da categoria classe social que adensará seu posicionamento sobre o papel político da educação e a natureza do diálogo numa sociedade de classes (FISCHER apud REDIN e ZITKOSKI, 2016, p. 401).

Paulo Freire (1996, 1999, 1987) faz crítica à Educação Bancária, na visão freireana, esse modelo de educação parte do pressuposto que o aluno nada sabe e o professor é detentor do saber. Criando-se então uma relação vertical entre o educador e o educando. O Educador, sendo o que possui todo o saber, é o sujeito da aprendizagem, aquele que deposita o conhecimento. O educando, então, é o objeto que recebe o conhecimento. A educação vista por essa ótica tem como meta, intencional ou não, a formação de indivíduos acomodados, não questionadores e submetidos à estrutura do poder vigente.

Sobre essa educação que liberta e que ao mesmo tempo trabalha com a questão da aprendizagem simultânea, na medida em que ensinamos aprendemos Freire (1996) nos faz a seguinte exposição,

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. [...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade

VI SEMANA DE  
**INTEGRAÇÃO**  
DE 07 A 10 DE JUNHO

UNIVERSIDADE,  
FORMAÇÃO E CIDADANIA

XV SEMANA DE  
LETRAS

XVII SEMANA DE  
PEDAGOGIA

III SIMPÓSIO DE  
PESQUISA E EXTENSÃO

Câmpus  
Inhumas

Universidade  
Estadual de Goiás

FAPEG  
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA  
DO ESTADO DE GOIÁS

epistemológica”, \*\* sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto (FREIRE 1996, p.24 e 25 ).



A partir desse pensamento de Freire (1996), chegamos a compreensão que essa ação de ensinar-aprender, leva-nos à crítica e à recusa ao ensino bancário, no sentido que esse ensino bancário “[...] deforma a necessária criatividade do educando e do educador [...]” (FREIRE, 1996, p.25).

Nesse sentido da educação bancária criticada por Paulo Freire (1996), o autor defende a educação libertadora, partindo dessa afirmação Paulo Freire defende que uma educação para ser libertadora necessita criar entre educadores e educandos novas relações sociais, humanas e solidárias e não somente transmitir conteúdos. Para Freire, a educação é muito mais que instrução. Necessita também ser transformadora. Para isso, o educador deve “banhar-se” na cultura do educando, criando uma relação de respeito mútuo, de diálogo e de amorosidade. (FREIRE, 1996, 1999, 1987)

Freire propõe uma educação libertadora para contrapor a pedagogia bancária, ainda presente em muitas escolas. Uma educação que não sirva apenas para depositar conteúdos na cabeça dos educandos, mas pautada no respeito mútuo, na solidariedade, na amorosidade e no diálogo. Uma educação cujo papel seja levar o ser humano à reflexão e ao pensar criticamente a respeito das coisas que acontecem no mundo. (FREIRE, 1999).

Assim, compreender a importância do trabalho do professor libertador como veículo socializador e como possibilidade de emancipação é um princípio libertário proposto por Marx e ressaltado em várias obras de Paulo Freire, que passa necessariamente pela permanente construção e reconstrução do mundo do trabalho, ou seja, pela construção da identidade individual e coletiva da classe trabalhadora. Considerando, que no contexto atual as sociedades contemporâneas têm como característica central um acentuado processo de transformações e dinamismo e o trabalho é uma das esferas que mais vem sofrendo com este processo, caracterizado pela expansão do trabalho assalariado no setor de serviços, a retirada do Estado do setor produtivo, intensificação e flexibilização do trabalho para satisfazer as empresas, fragmentação da classe trabalhadora, além da expansão do desemprego, preocupamos o lugar do trabalho, do trabalho docente e a constituição de sua identidade na atualidade.

### **A formação do professor libertador**

De acordo com Freire (2000), a luta pela transformação social, para aquele que se



posiciona como progressista, pode acontecer em diferentes lugares e momentos: “Tanto se verifica em casa, nas relações pais, mães, filhos, filhas, quanto na escola [...] ou nas relações de trabalho. O fundamental, se sou coerentemente progressista, é testemunhar [...] o meu respeito à dignidade do outro ou da outra” (FREIRE, 2000, p. 55).

Em relação a formação de professores, Coêlho (2003), faz apontamentos significativos a respeito dessa formação, pois na atualidade a formação tem sido efetivada nos moldes da sociedade capitalista, tão criticada por Marx (1983) e outros autores, no sentido da instrumentalização, da alienação, da desumanização, a respeito dessa formação Coêlho (2003) nos ressalta que

A docência é muitas vezes entendida como intervenção técnica na existência dos alunos, a educação é associada às idéias de eficiência, de produtividade, de resultados alcançados, de relação custo/benefício, e o professor visto como tecnólogo do ensino que não precisa conhecer o sentido e os fins da educação, da escola, do fazer pedagógico. A formação docente então deveria ser essencialmente prática, desenvolver competências para o exercício técnico e profissional do magistério. (COELHO, 2003, p. 51 e 52).

Essa tem sido a crítica que Coêlho (2003) tem apresentado sobre as formações de professores e a concepção de educação que permeia essa formação. A formação nos moldes da libertação deve levar com eles “[...] assumam, como um projeto pessoal, com rigor, espírito crítico e responsabilidade social, o estudo, a busca pela verdade, do sentido do existente e do texto, numa prazerosa ‘con-vivência’ com o saber, na perspectiva do cultivo do pensamento [...]” (COELHO, 2003, p.53)

O trabalho de formação da educação popular também deve exercitar processos de emancipação individual e coletiva, estimulando e possibilitando a intervenção no mundo, a partir de um sonho ético-político da superação da realidade injusta. Tal intervenção se dá num fazer cotidiano e também histórico, atravessado de desafios, utopias, sonhos, resistências e possibilidades. (COELHO, 2003).

De acordo com Garcia (2009) e Anadon (2009), a intensificação é o “[...] fenômeno das responsabilidades e atribuições no cotidiano escolar dos professores considerando o mesmo tempo de trabalho, indo além das tarefas instrucionais e pedagógicas [...]” (p.71). O que se tem mostrado atualmente é cada vez a intensificação do trabalho docente sem a



conscientização dos trabalhadores quanto a mão de obra que se tem criado.

O que se evidencia nesse cenário é uma cisão entre trabalho, trabalhador, a organização e os meios de trabalho, tal perspectiva tem corroborado para a alienação do professorado frente aos fins de seu trabalho e conseqüentemente da educação. Visando a superação dessa alienação que se buscou o presente estudo desse artigo, uma compreensão crítica a respeito desses elementos.

Os estudos de Paulo Freire pautado nessa resistência do trabalho docente frente ao capitalismo, nos apresenta a sua concepção de educação em que visa uma educação libertadora/emancipatória/humanizadora em que, “Uma educação em cuja prática o ensino de conteúdos jamais se dicotomize do ensino de pensar certo. De um pensar antidogmático, anti-superficial. De um pensar crítico, proibido a si mesmo, constantemente, de cair na tentação do puro improviso” (FREIRE, 1994, p. 168). Nessa perspectiva de trabalho que buscamos trilhar deve-se levar em consideração que a busca por uma pedagogia da libertação a partir do diálogo crítico- problematizador esteja sempre presente na educação.

Assumindo a luta pelo inédito viável é decorrência da natureza dinâmica da consciência crítica que faz do ato de sonhar e projetar coletivamente o futuro um movimento transformador do mundo, o conceito de inédito viável é apresentado por Freire, é considerado como uma palavra- ação, portanto práxis, pois não há palavra verdadeira que não seja práxis, daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo (FREIRE, 1987, p. 91). Nesse sentido a busca por ser um educador pautado em Paulo Freire é a busca pela transformação de si, do outro e do mundo para a libertação, para deixar a condição de opressor e oprimido e viver em um mundo mais humanizado.

### **Considerações finais**

Nosso estudo pode verificar que no contexto da sociedade capitalista, fundada no princípio da contradição e das lutas de classes, há opressores e oprimidos. A partir das discussões realizadas compreendemos que autores como Marx (1983) e Freire (1996, 1999, 1987) fazem a defesa da superação do modelo de sociedade capitalista, da exploração do trabalho e da educação bancária e do professor tradicional. Como exposto nos estudos realizados em Paulo Freire o que se deve buscar é a educação libertadora e o professor



libertador.

E o professor enquanto sujeito, pode ser emancipado e em sua função pode contribuir com a emancipação social. Seguindo assim a concepção de professor libertador e educação libertadora que Freire nos apresenta em seus estudos, buscando a libertação do opressor e oprimido para um mundo mais humanizado.

E o que diferencia o professor emancipador do professor tradicional diz respeito à concepção de educação que estão comprometidos. O professor libertador defende uma concepção de formação que se volta aos processos de humanização e conscientização, construída através do diálogo.

E para que professores libertadores sejam formados é preciso uma formação ampla, teoricamente sólida, ser conscientizado de sua realidade, ter formação ética, para poder pensar criticamente a sua prática docente, aprendendo enquanto ensina da mesma forma que o educando ensina enquanto aprende.

A Educação compreendida como uma prática social constitui-se como o lócus privilegiado de apropriação e ressignificação da cultura, o que pode contribuir tanto para a manutenção da sociedade, como para sua transformação, contudo, sob o amparo do modo de produção capitalista neoliberal, tem servido à manutenção e reprodução da ordem vigente, funcionando em conformidade aos interesses do mercado capitalista. Se por um lado o trabalho docente, neste contexto, tem sofrido com a precarização e o processo de alienação do professorado frente aos fins de seu trabalho e conseqüentemente da educação, por outro lado o professorado luta por se afirmarem como trabalhadores docentes ativos, protagonistas, a serviço da construção de uma contra hegemonia, assim como poderemos observar nas obras de Paulo Freire. (FREIRE, 1996, 1999, 1987).

O que se propôs nesse artigo foi a busca pela tomada de decisão dos educadores, assim como fez Paulo Freire, de um jovem advogado que decide ser um educador, assumindo essa decisão corajosa e desafiadora, no qual estava se lançando para uma luta humanista e esperançosa por um mundo mais livre e decente para todos. O que se espera é a reflexão dos educadores para a transformação de suas realidades, para desenvolverem sua própria humanidade, o que o autor nos apresenta como “ser mais”, que é o desafio da libertação dos oprimidos como busca de humanização. A busca por educadores libertadores de si e de seus



educandos, seja por meio do diálogo crítico e problematizador em que os oprimidos constroem caminhos concretos para a realização de seu ser mais. (FREIRE, 1996, 1999).

O que deve mover nossa luta pela humanização do mundo é a esperança no potencial dos seres humanos em modificar o mundo e a si mesmos. Sem essa esperança não é possível a assunção da utopia e a própria conquista da liberdade, capaz de ser afirmada somente através da ação ético-política libertadora.

Nesse sentido o que se deve prevalecer sempre na busca desses ideais é a constante insistência em uma ética da solidariedade, que implica a sua grande utopia e incansável esperança nas possibilidades históricas de humanização do mundo. A busca pelo professor libertador deve ser pensada através dos aspectos ético-político-sociais que devem ser considerados na discussão, uma formação pautada pelo diálogo, a ação-reflexão e a práxis em transformação do ser no sentido de mudança da realidade de si e do outro e do mundo.

## Referências

COELHO, Ildeu Moreira. **Repensando a formação de professores**. In: NUANCES: estudos sobre educação – ano IX, v.09, n°s 9/10, jan./jun. e jul./dez. 2003.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. In: **Pedagogia do oprimido**. Chile: 1967, [p. 9 – 21].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação** – cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido** (17ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FISCHER, Maria C. B. Trabalho. In: STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 3 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.

GARCIA, Maria M. A; ANADON, Simone B. Reforma educacional, intensificação e



autointensificação do trabalho docente. In: **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 30, n. 106, [p. 63-85], jan./abr. 2009.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de, MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Rev. Katál. Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007

MARX. K. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. v.1, t.1.